A fenomenologia da linguagem em Merleau-Ponty*

A. G. PENNA**

1. A posição assumida por Merleau-Ponty em relação a Husserl e as influências que sobre ele se exerceram; 2. Natureza da linguagem; 3. Linguagem e pensamento; 4. Linguagem e comunicação; 5. A aquisição da linguagem.

Expõe brevemente a posição fenomenológica de Merleau-Ponty no domínio da linguagem. Sua tese é de que neste domínio mais do que em qualquer outro as idéias de Husserl podem ser desenvolvidas além do ponto por ele alcançado. Por outro lado, sustenta a convergência entre as aquisições proporcionadas pela fenomenologia e só obtidas no campo da lingüística.

1. A posição assumida por Merleau-Ponty em relação a Husserl e as influências que sobre ele se exerceram

Merleau-Ponty prolonga a reflexão de Husserl, enriquecendo-a em muitos pontos e explicitando-a em outros, pois a natureza mesma dos problemas que se suscitam em torno da linguagem possibilita esse aprofundamento (1962*b*, p. 123). Nele, por outro lado, a fenomenologia da linguagem claramente se configura como um desenvolvimento de suas análises sobre o problema mais amplo, das relações entre corpo e consciência, problema considerado quer em *Structure du comportement*, quer em *Phénoménologie de la perception*. A intenção é a de mostrar que o pensamento e a linguagem se implicam mutuamente, envolvendo-se em relações que não se poderão conceber, senão de forma inadequada, como externas. Por decorrência será fixada uma relação de adequação entre a linguagem e os objetos que ela aponta, removendo-se a perspectiva arbitrarista e convencionalista que se reintroduziu na lingüística através de Saussure e que se constituiu em posição veementemente defendida pelos psicólogos da linha comportamentista.

* Artigo apresentado à Redação em 27.1.86.
** Chefe do Centro de Pós-Graduação em Psicologia do ISOP/FGV; professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro; doutor em psicologia. (Endereço do autor: Rua Pompeu Loureiro, 106/901 — Copacabana — 22.061 — Rio de Janeiro, RJ.)

Em termos de atitude, o que o caracteriza é uma abertura para a plena aceitação das contribuições provindas do campo da ciência. O seu ponto de vista é o de que podem coincidir e efetivamente devem corresponder às aquisições alcançadas mediante rigorosa aplicação do método fenomenológico e as que se obtêm através de outros tipos de abordagem utilizados no domínio das ciências experimentais. A tese ele particularmente sustenta no curso sobre *La fenomenología y las ciencias del hombre,* ilustrando-a com o próprio desenvolvimento da física depois de Galileu. Segundo adianta, na medida em que este se detém no estudo da queda dos corpos, de fato consegue realizar a intuição do que é a coisa física, estabelecendo as bases do que se poderia conceituar como ontologia regional ou física eidética. Escreve Merleau-Ponty: "Os físicos que verdadeiramente criaram a física no sentido moderno da palavra tiveram uma intuição do que é a coisa física. Galileu, por exemplo, de quem Husserl fala com freqüência, não foi, falando rigorosamente, um filósofo e, sem embargo, quando resolveu estudar a queda dos corpos — como o fez — em sua pesquisa experimental estava implicada uma intuição do que é a coisa física, intuição, por exemplo, da determinação espacial como característica fundamental das coisas físicas. Quando, depois de Galileu, outros físicos ampliaram nosso conhecimento da natureza, podemos dizer que cada um deles contribuiu para o desenvolvimento de uma eidética da coisa física. Não se trata, para Husserl, de reivindicar, para os fenomenologistas, um privilégio exclusivo no que concerne ao conhecimento das essências. Estas se acham implicadas na investigação experimenal, quer as procuremos ou não" (1964*b*, p. 56).

De resto, é esse ângulo de apreciação que leva Merleau-Ponty a insistir na convergência dos resultados da fenomenologia da linguagem com os apurados na área da lingüística e, em especial, com alguns de Saussure. A valorização da *parole,* por exemplo, como objeto de pesquisa a se acrescentar à investigação da *langue,* com imediato alargamento do campo da ciência da linguagem, constitui contribuição de Saussure paralela à do próprio Husserl em sua fase final, especialmente em *Lógica formal e transcendental* e em *Origem da geometria.* Semelhanças profundas serão, por igual, assinaladas entre a fenomenologia e a psicologia, quer experimental, quer clínica. No que concerne à psicologia clínica, a comparação se realiza com a psicanálise, mostrando-se a semelhança entre as idéias de Freud sobre o corpo enquanto campo de expressão de significados e as idéias de Husserl. Também no que se refere à linguagem serão destacadas as contribuições devidas a Freud, paralelas em muitos pontos às da fenomenologia. Notadamente poderiam ser citadas as contribuições do próprio Merleau-Ponty na área da sexualidade, desde que representam ou exprimem posição bastante próxima da fixada por Freud. Juntamente com A. de Waelhens, Merleau-Ponty foi quem mais se preocupou em proporcionar base para a noção de inconsciente, concebida como irreconciliável com uma perspectiva de estilo reflexivo como é a da fenomenologia. "O empreendimento fenomenológico perderia toda significação se existisse um inconsciente psíquico" (Jeanson, 1951, p. 87). O recurso tanto de De Waelhens quanto de Merleau-Ponty foi o de explorar a dialética da presença e da ausência com que se caracteriza, conforme comenta Ricoeur (1965, p. 375), a atividade perceptiva.

Em termos de influências recebidas e adequadamente incorporadas à perspectiva fenomenológica, duas terão que ser realmente destacadas: a dos gestaltistas e a de Kurt Goldstein, este, por igual, já influenciado pelos primeiros. No que concerne às influências dos gestaltistas, elas se exprimem, em primeiro lugar, através do conceito de forma ou estrutura. Rejeita, todavia, Merleau-

Ponty a radicalização de seu emprego já que, a seu ver, ele não aparece ao mundo físico, como pretendeu, por exemplo, Kohler. De resto, ao promover essa extensão do conceito, converte-se o gestaltismo, segundo a interpretação de Merleau-Ponty, numa concepção empirista que, obviamente, ele contesta. Também se desaprova uma não confessada disposição da escola para as explicações neurofisiológicas, como se vislumbra, ainda, em trabalhos de Kohler, tese que se pode contestar ser efetivamente expressiva da teoria da forma tal como no-lo comprova o clássico capítulo primeiro dos *Principles of gestalt psychology*, de Koffka. Fiel a uma posição rigorosamente fenomenológica, entende Merleau-Ponty que não se progride na compreensão de um processo psicológico explicitando-se suas bases neurocerebrais. A compreensão terá que ser alcançada no nível mesmo em que se revela o processo. Vale assinalar que, não obstante as restrições que propõe contra o gestaltismo, Merleau-Ponty incorpora-o profundamente e inclusive o defende das objeções que, por igual, lhe foram apresentadas pelo próprio Husserl. "Muitas vezes os fenomenologistas não compreenderam tudo o que na psicologia contemporânea pode estar em convergência profunda com suas próprias aspirações. Imediatamente encontraremos um exemplo disso nas críticas por Husserl à psicologia da forma", escreve Merleau-Ponty (1964*b*, p. 16).

No que concerne a Kurt Goldstein, dele aproveita a posição organísmica que aparece destacada em *Structure du comportement*, sobre explorar suas magistrais observações no domínio da patologia da linguagem, em função das quais irá compor sua interpretação existencial da palavra. No seu modo de ver, mesmo que não tenha sido essa sua intenção, Kurt Goldstein a insinua, tão logo se propõe compor uma teoria geral da linguagem com base nos dados clínicos recolhidos em torno da afasia. A insinuação, por igual, aparece em trabalhos de outros neurologistas, como em Grunbaum. Escreve Merleau-Ponty: "Quando os autores procuram concluir a análise da afasia por uma concepção geral da linguagem, nós os vemos mais claramente ainda abandonar a linguagem intelectualista que eles haviam adotado a partir de Pierre Marie e reagir contra as concepções de Broca. Não podemos dizer da linguagem (*parole*) que ela é uma operação da inteligência, nem que ela é um fenômeno motor: ela é, por inteiro, motricidade e inteligência" (1945, p. 221). Em página anterior, já havia adiantado: "que os autores saibam ou não, procuram formular aquilo que chamaremos de uma teoria existencial da afasia, isto é, uma teoria que trata o pensamento e a linguagem objetiva como duas manifestações da atividade fundamental pela qual o homem se projeta sobre o mundo" (1945, p. 222).

Por igual, assimilará de Kurt Goldstein a crítica ao conceito de reflexo, definido na perspectiva holista como expressão de um artificial isolamento de área limitada do organismo, com vinculação a um setor igualmente limitado do meio. A crítica se estenderá ao próprio conceito de condicionamento. Incorporadas essas contribuições às perspectivas fenomenológica e existencial, Merleau-Ponty facilmente será conduzido a enfatizar o conceito de comportamento como resposta ao significado vital dos estímulos e substituir a noção de relação causal pela de relação dialética. No estrito sentido em que esta expressão é empregada designa uma forma reversível de contato entre um ser que conhece e um ser que se oferece como objeto de conhecimento.

2. Natureza da linguagem

A afirmação central de Merleau-Ponty é a de que a linguagem tem significado. Desde logo, pois, será claro que ela não se reduz a uma simples articulação e estruturação de sons. Na expressão de De Waelhens, ela não se define, apenas, como uma realidade foniátrica. A tese é paralela à que se sustenta em *Structure du comportement* e em *Phénoménologie de la perception* relativamente à natureza do corpo e, por extensão, à natureza do comportamento. Se este é significativo, se este não se reduz a mera montagem de esquemas motores, muito menos se compreenderá que a conduta verbal se reduza.

Vale assinalar que o caráter altamente significativo da conduta, com a imediata exclusão da possibilidade de uma descrição dela em termos de puras articulações de movimentos elementares, aparece magistralmente sustentado por Freud, ao examinar os fenômenos de conversão histérica. Como muito bem observa A. Vergote, tais fenômenos em tudo se assemelham ao comunicado de um sentido e, por conseqüência, a um relato verbal, pois, dialeticamente, eles se removem ou suprimem sempre que se utiliza um outro tipo de discurso representado pela palavra catártica. Escreve A. Vergote (1957, p. 141): "O corpo vivido é animado por uma intenção que o humaniza e lhe confere sua função simbólica. E é porque ele não se condensa na sua materialidade que a palavra catártica pode descer sobre ele e remanejar a forma que o anima conferindo-lhe função simbólica nova." Assinale-se que essa perspectiva foi consideravelmente ampliada, convindo citar-se os nomes de Dolto-Marette e Pankow como figuras que a representam, o primeiro em seu trabalho *Psychanalyse et pédiatrie* e o segundo em seu estudo *Structuration dynamique dans la schizophrénie.*

Talvez seja proveitoso assinalar-se, para efeito de melhor caracterização das divergências que separam Merleau-Ponty do gestaltismo, que também esta escola irá insistir no caráter significativo da conduta e, por decorrência, do comportamento verbal. Não obstante, enquanto para Merleau-Ponty — e para Freud, também — o sentido é depositado na conduta ou na palavra pelo falante enquanto fonte de significados, de modo a convertê-las numa ordem de realidade não suscetível de mera conceituação física, nos gestaltistas a significação emerge do próprio comportamento, na medida em que se revela como estrutura organizada e não somativa. Parte-se da tese de que o sentido constitui um aspecto obrigatório implicado na totalidade do tipo gestáltico, prescindindo-se, para explicá-lo, da referência a um agente estruturador e doador de significados. Em termos antropológicos, o que se registra é uma posição que recusa atribuir ao homem um lugar à parte na complexa estrutura do universo.

No que concerne ao caráter intrinsecamente significativo da palavra, entende Merleau-Ponty que ele encontra vasta margem de comprovação, inclusive na área patológica. Recordem-se, por exemplo, os efeitos projetados pelas agnosias quando se registra o esvaziamento das palavras e sua conversão em puras realidades motoras. Geograficamente elas permanecem intactas, pois que as podemos pronunciar ou ler, mas comportamentalmente — para usarmos a distinção que se propõe com Koffka — constituem-se em outra espécie de realidade.

Em pleno acordo com Husserl, define Merleau-Ponty a linguagem como uma forma peculiar de se visarem os objetos. Trata-se de um comportamento caracterizado por forma própria de referência intencional. Husserl já o havia assim conceituado em *Lógica formal e transcendental.* Escreve Merleau-Ponty: "Na *Lógica formal e transcendental,* publicada em vida, Husserl indicou muito enfaticamente que falar não é, em absoluto, traduzir um pensamento em palavras,

mas focalizar certo objeto pela palavra" (1964*b*, p. 85). A citação vale pelo modo como logo exclui a velha conceituação da linguagem como expressão do pensamento. Comprometida em uma posição dualista não explicitada, tal conceituação supõe, realmente, o pensar e o falar como duas operações distintas a se relacionarem externamente. Por outro lado, apenas enfatiza o sentido de comunicação vinculado à linguagem, reduzindo-a, então, a essa única função, tese que, a rigor, poucos aceitaram. De resto, a idéia de se concebê-las como simples instrumento de comunicação foi seriamente atingida pela insistência com que se procurou sustentar o seu caráter arbitrário ou convencional, bem como a ausência de um significado nela internamente realizado. Aceitá-la como não significativa será negar um efetivo contato entre falantes, como de resto sublinhou Merleau-Ponty em vários de seus trabalhos e, em particular, em *Phénoménologie de la perception*. Será negar a possibilidade de que uma experiência possa ser trocada, consagrando-se o princípio da incomunicabilidade. Entretanto, afirmar que ela seja apenas uma expressão de pensamentos que subsistiriam independentes dela e lhe seriam, inclusive, anteriores, é afirmar a concepção implícita de uma consciência interiorizada, pois só em se a aceitando, caberia, por decorrência, a aceitação de sua autonomia. A fórmula, por isso mesmo, teria que ser rejeitada por Husserl, como obrigatoriamente terá que ser recusada por qualquer fenomenologista. Admita-se o seu caráter comunicativo, mas não se reduza a ele toda a sua dimensão significativa, pois quem fala, se fala para os outros, por igual compõe para si mesmo a plenitude de um sentido. Escreve a propósito Merleau-Ponty: "Para o sujeito falante, exprimir é tomar consciência; não exprime unicamente para os outros, exprime para saber o que ele próprio visa. Se a palavra quer encarnar uma intenção significativa que apenas é um certo vazio, não é somente para recriar no outro a mesma carência, a mesma privação, mas ainda, para saber aquilo de que há carência e privação." E mais adiante: "Nós próprios que falamos não sabemos necessariamente melhor o que exprimimos do que aqueles que nos escutam. Digo que sei uma idéia quando se institui em mim o poder de organizar em torno dela discursos que formam sentido coerente, e este poder não advém de a possuir absolutamente e contemplá-la face a face, mas da circunstância de haver adquirido um certo estilo de pensamento. Digo que uma significação é adquirida e a partir de então disponível, quando consegui fazê-la habitar um aparelho de palavra que não lhe é inicialmente destinado" (1962*b*, p. 133).

A idéia de que a linguagem é, fundamentalmente, um modo específico de visar objetos é uma imposição mesma do conceito de intencionalidade e é uma decorrência — sobretudo em Merleau-Ponty — do caráter próprio das análises fenomenológicas que lidam com condutas e não com subjetividades. O modelo dessas análises, de resto, Merleau-Ponty o apresentou no magnífico estudo Le cinéma et la nouvelle psychologie, quando recusa qualquer validade ao método introspectivo e às análises fisiológicas, estas últimas freqüentemente consideradas expressivas de alto grau de objetividade. Escreve Merleau-Ponty: "A psicologia clássica aceitava sem discussão a distinção entre a observação interna ou introspecção e a observação externa. Os fatos psíquicos — a cólera, o medo, por exemplo — não poderiam ser diretamente conhecidos senão internamente e pelos que os experimentam. Tinha-se por evidente que não se poderia, de fora, apreender senão os sinais físicos da cólera ou do medo e que, para se interpretar esses sinais, se deveria recorrer ao conhecimento que se tem da cólera ou do medo em nós mesmos e por introspecção. Os psicólogos de hoje assinalam que a introspecção, na realidade, não nos fornece quase nada. Se se tenta estudar o

amor ou o ódio pela pura observação interna, não se encontra senão pouca coisa a descrever: alguma ansiedade, algumas palpitações do coração, em suma, as perturbações banais que não nos revelam a essência do amor nem a do ódio. Cada vez que se chega a observações interessantes é porque não nos contentamos em coincidir com nossos sentimentos, é porque se alcançou sucesso em se estudá-los como comportamentos, como modificações de nossas relações com o outro e com o mundo, é porque se chega a pensá-los como se pensa o comportamento de outra pessoa do qual nos convertemos em testemunhas" (1966, p. 93-4). Obviamente o que vale para a emoção há de valer para a linguagem, cuja essência, então, terá que ser identificada através da maneira peculiar com que nos relacionamos com a realidade.

Um dos pontos centrais da posição de Merleau-Ponty — e, por igual, da assumida por Husserl na sua derradeira fase — é a insistência no caráter existencial da linguagem. Falar não é, apenas, expressar conhecimentos ou tentar obtê-los. Não é se dar sob certo aspecto que se revela em mudança, conservados os demais que integram a estrutura do falante. Em outras palavras, não é, apenas, viver uma dimensão intelectual, mantidas as demais inalteradas e inalteráveis. Tampouco será um simples encadeamento de sons a se promover com exclusão de uma intenção significativa. Falar é exibir toda a plenitude do ser, num processo de relacionamento com o mundo. Assinale-se que esse aspecto existencial da linguagem será facilmente captável através do exame dos processos de aprendizado, especialmente dos que se consumam na época marcada por maior sensibilidade no que concerne à sua assimilação, isto é, nos dois primeiros anos de vida.

Finalmente vale destacar o caráter estruturado da linguagem, tese que Merleau-Ponty não retira, apenas, de Saussure, mas por igual do movimento gestaltista. O que se afirma é que os significados surgem sempre em função de contextos não se encarnando univocamente, nos sinais. A polissemia destes supõe que o sentido neles revelado seja uma função dos demais com os quais forma conjunto. A tese é comum ao modo como os gestaltistas definem os estímulos em geral, pois que também estes se revelam como diacríticos, no sentido de variarem de função na dependência do campo total. Ressalte-se que a analogia entre a linguagem e a percepção constitui ponto de destaque em Merleau-Ponty e em De Waelhens, valendo, especialmente, recordar a importância que este concede, por exemplo, à dialética da presença e da ausência em função da qual se mostra que os vazios podem informar tanto quanto os sinais que os preenchem, da mesma maneira como a ausência de uma palavra pode ser preenchida pela aura significativa do próprio texto. Recorde-se, ainda, que será através dessa dialética que se tentará a incorporação do conceito de inconsciente, conforme se comenta na obra de P. Ricoeur.

3. Linguagem e pensamento

A conceituação da linguagem como expressão do pensamento subordina-se a uma perspectiva dualista que tira suas raízes do sistema cartesiano. Implica, em decorrência, a definição da consciência como realidade fechada sobre si mesma e inacessível a um conhecimento externo. Apesar das dificuldades que, obviamente, surgem vinculadas a essa posição, ela predominou até o presente século.

Conforme é sabido, uma primeira tentativa de se rejeitá-la ocorre com Watson. Recusada a noção de consciência como realidade subjetiva e limitado o campo de investigação científica ao estudo do comportamento, concomitante-

mente se rejeita a tese de um pensamento definido como processo interno a se expressar, apenas, pela linguagem. A tese que, então, se propõe consagra como única realidade a conduta verbal. Por detrás dela nada existirá e, a rigor, ela em nada se distingue dos demais padrões da resposta estruturados pelo falante. A intenção de se fazê-la expressiva é, apenas, prolongamento de um preconceito metafísico secularmente enraizado.

Posição de gênero semelhante no sentido de compromisso mecanicista e empirista é o que encontramos entre os neurologistas que, no fim do século XIX, se dedicaram à análise da afasia. Particularmente Broca irá conceber a linguagem apenas, como ativação de imagens verbais registradas em área própria e passíveis de supressão, na dependência do processamento de destruição cortical. Tanto quanto em Watson consagra-se, com essa perspectiva, uma posição mecanicista, sobre se negar o caráter significativo da linguagem e se excluir a idéia de um sujeito falante. De resto, são essas as considerações que encontramos em Merleau-Ponty em *Phénoménologie de la perception.* Escreve Merleau-Ponty: "A posse da linguagem é inicialmente compreendida como simples existência efetiva de imagens verbais, isto é, traços deixados em nós pela palavra pronunciada ou ouvida. Que esses traços sejam corporais ou que eles se depositem num psiquismo inconsciente, isso não importa muito e nos dois casos a concepção da linguagem é a mesma no sentido de que não há um sujeito falante. Que os estímulos deflagrem, segundo leis da mecânica nervosa, as excitações capazes de provocar a articulação da palavra ou que os estados de consciência impliquem, em virtude de associações adquiridas, a aparição da imagem verbal conveniente, nos dois casos a palavra apenas ganha lugar num circuito de fenômenos em terceira pessoa. Em nenhum dos dois casos há uma pessoa que fala. Não há senão um fluxo de palavras que se produzem sem qualquer intenção que as governe." E mais adiante: "O homem pode falar como a lâmpada elétrica, pode tornar-se incandescente" (1945, p. 203).

Alternativa totalmente diversa surge em conexão com o desenvolvimento da fenomenologia. Aqui se parte, como já se assinalou, da afirmação de que a linguagem tem um sentido. Não obstante, também não se faz dela mera comunicação ou simples expressão de uma realidade interna. Definida a consciência como intencional, isto é, como referência obrigatória a um objeto, consagra-se, de fato, uma perspectiva que já não pode ajustar-se ao conceito clássico de linguagem.

A afirmação central é a de que o pensamento não preexiste ao ato de sua expressão, mas, efetivamente, com ele coincide. No se comunicá-lo, não se está meramente transmitindo uma realidade já constituída e da qual já nos apossamos, mas nos estamos dando, a nós mesmos, um sentido que antes nos escapava. Merleau-Ponty chega a essas afirmações através de uma lúcida análise do que ocorre quando falamos. Assim, por exemplo, escreve: "Se a palavra pressupusesse o pensamento, se falar fosse, desde o começo, juntar-se ao objeto por uma intenção de conhecimento ou por uma representação, não se poderia compreender por que o pensamento tende para sua expressão como para seu acabamento, por que o objeto mais familiar nos parece indeterminado enquanto não encontramos seu nome, por que o sujeito pensante, ele próprio, revela-se numa espécie de ignorância de seus pensamentos enquanto eles não são formulados para si ou mesmo pronunciados e escritos, como o demonstra o exemplo de tantos escritores que começam um livro sem saber exatamente como ele se concluirá. Um pensamento que se contente em existir para si mesmo, fora de sua expressão verbal e da comunicação, tão logo se revelasse cairia no in-

consciente, o que significa dizer que ele não existiria nem para o seu próprio autor" (1945, p. 206).

A idéia explicita-se mais ainda, à observação de que o ato de denominar um objeto não se dá nunca em termos de precedência de seu reconhecimento perceptual. De fato, identifica-se com ele, afirmação que está rigorosamente adequada à perspectiva que destaca o sentido intencional da conduta. É paralela à outra afirmação segundo a qual a emoção, por exemplo, não se traduz pelo gesto ou pela mímica, mas é ela própria tudo isso. A propósito, escreve ainda Merleau-Ponty: "A denominação dos objetos não ocorre após seu reconhecimento, ela é o próprio reconhecimento. Quando fixo um objeto na penumbra e digo: é um pincel, não há no meu espírito um conceito de pincel sob o qual eu subordino o objeto e que, por outro lado, se encontre ligado por uma associação freqüente com a palavra pincel, mas a palavra conduz seu sentido e, ao impô-lo ao objeto, fornece-me a consciência de tê-lo atingido" (1945, p. 207).

É conveniente recordar que Merleau-Ponty, ao promover a plena integração entre o pensamento e a linguagem, não está reduzindo o primeiro à segunda, como muito bem observa De Waelhens, convertendo-a em mera realidade foniátrica. Há, obviamente, uma intenção significativa respondendo pela transformação das estruturas sonoras em palavras e frases dotadas de significado. É essa intenção que se define como uma espécie de vazio, como uma forma de aspiração que, afinal, se preenche e se realiza no momento mesmo em que se cumpre o ato de expressão verbal. Mas mesmo ela não precede a palavra, como de resto sublinhou Husserl em *Lógica formal e transcendental*. "A intenção de significar — escreve Merleau-Ponty — não se acha fora das palavras ou ao lado delas, senão que ao falar cumpro constantemente uma fusão interior da intenção com a palavra. A intenção, por assim dizer, anima as palavras e, como resultado de esta animação, as palavras e toda linguagem encarnam uma intenção e, uma vez encarnada, a conduzem em si mesmas como sentido" (1964*b*, p. 85).

O propósito de integrar o pensamento e a linguagem e a afirmação de que o primeiro não precede a segunda levantam objeções. Alega-se que não é essa a impressão que recolhemos de nós mesmos quando nos comunicamos, pois transparece a precedência das idéias sobre as palavras que as exprimem. Merleau-Ponty não recusa totalmente a crítica. Entende que ela é válida na medida em que se focaliza o que ele define como expressão segunda, isto é, como uma verbalização de pensamentos já explicitados em termos verbais. Reconhece, inclusive, que esta forma de expressão é mais freqüente. A tese da mútua implicação entre o pensamento e a linguagem — tese que se ilustra através da afirmação de que "o sentido é tomado na palavra e a palavra é a existência exterior do sentido" (1945, p. 212) — somente é válida em relação ao que ele chama de "palavra autêntica que formula pela primeira vez". A posição é, de resto, comum a outros pesquisadores, como, por exemplo, Cassirer, que a ilustra com o magnífico exemplo de Mirabeau. Ao ser procurado pelo mensageiro do rei que lhe ordena, em nome de Sua Majestade, que a Assembléia se dissolva, Mirabeau, inicialmente indeciso, mas logo a seguir com extraordinária fluência, expressa a frase que define toda a grandiosa estrutura ideológica da Revolução francesa, frase que jamais lhe ocorrera antes: o povo reunido não recebe ordens do rei, dá ordens ao rei.

Ao lado do problema das relações entre o pensamento e a linguagem, outra questão se projeta e se impõe como relevante. Referimo-nos ao problema da natureza das relações entre as palavras e as coisas que por elas são mencionadas. Por igual, no concernente a esse problema, duas posições se fixaram: a que,

no dizer de Yvon Bellaval admite uma simples relação designativa e arbitrária, e a que sustenta uma vinculação expressiva e motivada. A primeira encontrou mais aceitação entre os lingüistas, especialmente a partir de Saussure, e representa, por outro lado, ainda segundo o comentário de Bellaval, a posição inicial de Husserl ao tempo da publicação de *Idéias*. "Se a palavra pronunciada pode chamar-se expressão, é unicamente porque a significação que lhe pertence exprime: é nela que se revela originalmente o exprimir" (Husserl, apud Bellaval, 1952, p. 207). A segunda encontrou maior acolhida entre os gestaltistas e, por igual, aparece assimilada na fase derradeira de Husserl. É a ela que Merleau-Ponty adere, assinalando, inclusive, a homologia entre ela e a posição que identificou ou fez coincidir pensamento e linguagem. Bellaval a expõe, recorrendo ao exemplo do gesto que não se limita a apontar um objeto, mas efetivamente o desenha e o compõe. No caso do gesto que apenas indica ou aponta, consagra-se a idéia da palavra designadora. Na hipótese do gesto que não apenas aponta, mas esboça todo o contorno do objeto, temos a palavra expressiva ou de produção motivada. A fundamentação desta perspectiva em Merleau-Ponty recorda a que propõem os gestaltistas. Nestes a idéia é a de que a vinculação da palavra à coisa ou das estruturas verbais aos objetos ou a algum de seus aspectos — vinculação interna e não meramente exterior — produz-se em termos de imitação e ainda, com base no fenômeno da sinestesia. P. Guillaume (1937, p. 192-5) explora ambas as possibilidades mostrando, no concernente à imitação, que o processo não vale apenas quando se defrontam duas pessoas, mas, por igual, vale diante de um objeto qualquer que pode ter suas características reproduzidas numa ordem representada por emissões vocais. A significação da sinestesia é, também, por ele destacada e, a rigor, funda-se na importância atribuída ao fator imitação. De resto, a idéia de uma relação não-arbitrária entre a linguagem e a realidade foi muito bem sustentada por Uznadze e a posição permanece defendida pela escola lingüística da Geórgia, na União Soviética. Os estudos de Uznadze, demonstrando a adequação entre certas formas ou figuras de composição livre e certas palavras também totalmente arbitrárias, foram incorporados ao gestaltismo, tão logo foram divulgados. Mais adiante, os estudos de W. Wolf (1943) sobre a expressão proporcionaram um indiscutível enriquecimento dessa perspectiva.

Pois em Merleau-Ponty o tema da motivação dos sinais encontra a mesma base. No tocante à importância da sinestesia, ele a considera, por exemplo, em Le cinéma et la nouvelle psychologie, conferência realizada em 1945 no Instituto de Altos Estudos Cinematográficos. Escreve ele nesse magnífico estudo: "É um lugar-comum dizer que temos cinco sentidos e, à primeira vista, cada um deles é como um mundo sem comunicação com os outros. A luz ou as cores que atuam sobre os olhos não agem sobre os ouvidos ou sobre o tato. E, todavia, sabe-se desde muito tempo que certos cegos chegam a se representar as cores que eles não vêem por meio de sons que eles ouvem. Por exemplo, um cego dizia que o vermelho devia ser qualquer coisa como um som de clarim. Mas durante muito tempo pensou-se que isso fosse um fenômeno excepcional. Na realidade o fenômeno é geral. Na intoxicação por mescalina os sons são regularmente acompanhados por manchas coloridas das quais a tonalidade, a forma e a altura variam com o timbre, a intensidade e a altura dos sons" (1966, p. 88).

Sobre a condição puramente arbitrária da palavra, Merleau-Ponty rejeita-a em *Phénoménologie de la perception* quando assinala que ela só parece caber se, e apenas se, unicamente se considera o seu aspecto conceitual. De modo

algum se poderá concebê-la quando considerado o seu aspecto gestual ou a sua impregnação emocional que surge enfatizada, por exemplo, na composição poética. "Descobre-se, então, que as palavras, as vogais, os fonemas são — escreve Merleau-Ponty — maneiras de cantar o mundo e que elas são destinadas a representar os objetos, não como acreditava a teoria ingênua da onomatopéia, em razão de uma semelhança objetiva, mas porque elas extraem e, no sentido próprio da palavra, exprimem a essência emocional. Se nós pudéssemos retirar de um vocabulário aquilo que é devido às leis mecânicas da fonética, às contaminações de línguas estrangeiras, à racionalização das gramáticas, à imitação da língua por ela própria, descobrir-se-ia sem dúvida à origem de cada língua um sistema de expressões bastante reduzido, mas tal, por exemplo, que não seria arbitrário chamar luz a luz se chamamos noite a noite" (1945, p. 218).

Um importante ponto a ser destacado na perspectiva de Merleau-Ponty é o que diz respeito ao caráter da linguagem como realidade aparentemente destinada a representar outra, constituída dos objetos à nossa volta. De fato, não pode ser essa a função da linguagem, a menos que se retorne a uma perspectiva de compromisso empirista. Ao dizermos, ao falarmos, introduzimos um ponto de vista que é o nosso, que nos traduz, que, enfim, exprime um ângulo de visualização do mundo. É importante que isso seja sublinhado. Merleau-Ponty enfatiza essa posição em seu estudo intitulado A Jean-Paul Sartre (A linguagem indireta e as vozes do silêncio). Lê-se nesse magnífico estudo: "Uma linguagem que efetivamente visasse apenas reproduzir as próprias coisas, por mais importantes que elas possam ser, esgotaria o seu poder de ensinamento em dados de fato. Uma linguagem que, pelo contrário, manifeste as nossas perspectivas sobre as coisas e introduza nelas um relevo inaugura uma discussão que não termina consigo, suscita ela própria uma procura. O que não é substituível numa obra de arte e faz dela muito mais do que um meio de prazer: um órgão do espírito, cujo equivalente se encontra em qualquer pensamento filosófico ou político se é produtivo, consiste em conter, não idéias, mas matrizes de idéias" (1962*a*, p. 111). A tese ele a retoma a propósito da pintura. Mesmo aquela que se pretendeu considerar essencialmente representativa nunca, na realidade, o foi e, conforme a observação de Malraux por ele recordada, "a concepção moderna da pintura — como expressão criadora — foi novidade muito mais para o público do que para os próprios pintores" (1962*a*, p. 70).

4. Linguagem e comunicação

A idéia de que os sinais verbais são meramente designadores, sobre não se revelarem senão exteriormente vinculados ao pensamento, implica dificuldades para efeito de se considerar adequadamente a questão da comunicação interindividual. Entretanto, esse é o pensamento que prevalece entre os psicólogos ligados à perspectiva comportamentista. Conforme, por exemplo, se lê em D. Berlo, não existe qualquer sentido impregnando uma mensagem enviada por um falante a um interlocutor. Somente nestes existem significados. O que se transmite são os sinais que compõem a mensagem e que são decodificados pelos que os recebem. Escreve Berlo, expondo esse ponto de vista: "A tese deste capítulo é a de que os sentidos não estão nas mensagens, de que o significado não é coisa que se possa descobrir, de que as palavras, de fato, não querem dizer coisa alguma, de que os dicionários não proporcionam sentidos e não podem mesmo fazê-lo. Alegar-se-á que as significações estão nas pessoas, que os sentidos são

respostas encobertas contidas no organismo humano. Os sentidos são aprendidos. São pessoais, são propriedade nossa. Nós aprendemos significados acrescentando-lhes algo nosso, distorcemo-los, esquecemo-los, modificamo-los. Não podemos encontrá-los. Eles estão em nós, não nas mensagens. Felizmente, em geral, encontramos outras pessoas que têm significações similares às nossas. No grau em que as pessoas tenham sentidos similares, poderão comunicar-se. Se não houver similaridade de sentido entre elas, não poderão comunicar-se" (1960). A posição é rigorosamente paralela à que afirma que não conhecemos o outro senão analogicamente, isto é, em termos de comparação das respostas dele com as nossas e em termos de aceitação de que, tal como as nossas, as dele deverão expressar experiências. Estas, em si mesmas, nos escapam, pois não lhes temos acesso direto ou imediato. A perspectiva, como muito bem sentiu Sartre, é caracteristicamente idealista, nela se excluindo qualquer possibilidade de comunicação. Não obstante é epistemologicamente coerente e valeria a pena recordar-se que ela representa, no fundo, um prolongamento da posição que, com particularidades diversas, aparece em Malebranche tanto quanto em Hume. Merleau-Ponty apresenta-a no texto que se segue: "À primeira vista, pensa-se que a palavra compreendida nada possa acrescentar àquele que a compreendeu: é ele quem dá sentido às palavras, às frases, e a combinação mesma de palavras e frases não é uma contribuição estranha, pois que ela não seria compreendida se ela não encontrasse naquele que a recebe o poder de a realizar espontaneamente: aqui, como sempre parece verdadeiro que a consciência não possa encontrar na sua experiência senão aquilo que ela mesma nela depositou. Assim, a experiência da comunicação seria uma ilusão" (1945, p. 207-8).

Totalmente diversa será a posição que ele propõe, quer no que toca ao conhecimento do outro, quer no que diz respeito à natureza da linguagem. No que se refere ao problema do outro enquanto objeto de conhecimento, propõe-se a tese de uma apreensão imediata, eliminando-se o recurso da analogia. A posição recorda, em muitos pontos, a que aparece exposta por Kohler em sua clássica *Gestalt psychology*. Embora não seja de nosso propósito considerá-la aqui, convém a observação de que o ato de apreensão do outro como um ser significante é básico para a adequada colocação do problema da comunicação verbal.

No que concerne à linguagem, concebidos os sinais não como meramente designativos, mas como expressivos, e admitida a concepção de que existe uma integração entre o pensamento e a palavra, abre-se o caminho para que, efetivamente, se produza a comunicação interpessoal. Os significados fluem, assim, de uma unidade para a outra que pode, dessa forma, ter ampliada e enriquecida sua experiência. A idéia de que os sentidos não são transferíveis sofre, aqui, rejeição total.

Entretanto, terão que ser distinguidos dois níveis de expressividade: o conceitual e o gesticulado. Segundo Merleau-Ponty, este é que dispõe do poder de comunicar. Evidentemente, ao transmitir, transfere o próprio significado conceitual. Escreve Merleau-Ponty: "Importa que aqui o sentido das palavras seja finalmente induzido pelas próprias palavras, ou mais exatamente, que sua significação conceitual se forme por cobertura sobre uma significação gestual, que ela é imanente à palavra." E mais adiante: "toda linguagem em suma se ensina ela mesma e impõe seu sentido no espírito do ouvinte" (1945, p. 208-9).

Esclareça-se que o sentido gestual é o que se apreende em função de um contexto de ação e é o que reflete a dimensão emocional da palavra, tão importante no domínio da linguagem poética. É ainda esse sentido que torna possível

a consumação de um processo comunicativo, mesmo quando o falante se exprime em uma língua desconhecida do ouvinte. Na medida em que ele, de fato, diga alguma coisa, o significado do que disse acaba por ser captado, da mesma maneira que uma música ou uma pintura acabam por secretar sua significação. É ainda ao sentido gestual que Merleau-Ponty recorre quando considera o problema da aquisição da linguagem, não em escala individual, mas em escala de aquisição histórica (ou pré-histórica como preferem alguns). A idéia é a de que as primeiras palavras foram, essencialmente, expressões espontâneas de um sentido emocional vivido em comum, diante dos objetos para os quais elas apontavam.

5. A aquisição da linguagem

A questão apresenta-se em dois níveis: no individual e no histórico. Neste caso o que se discute é o aparecimento da linguagem como explicitação do poder expressivo do homem. Em torno dela, particulamente, duas posições se propuseram: a de uma origem onomatopaica e a de uma formação emocional. Ambas foram rejeitadas, embora em relação à primeira se tenha registrado um movimento de reformulação, implicando uma atitude mais sofisticada. Ambas aparecem consideradas por Merleau-Ponty no curso La conscience et l'acquisition du langage. Para esse problema, Merleau-Ponty se revela tocado pela sugestão de Jespersen, de que talvez o canto tenha sido a fonte da linguagem. "A forma inicial da linguagem — escreve — seria, então, uma espécie de canto. Os homens teriam cantado suas emoções antes de comunicar seus pensamentos. Do mesmo modo que a escrita foi inicialmente pintura, da mesma forma a linguagem terá sido, no começo, canto que, em se analisando, converteu-se em sinal lingüístico; é pelo exercício desse canto que os homens viveram a experiência de seu poder de expressão" (1964*a*, p. 228). A idéia já havia sido considerada em *"Phénoménologie de la perception,* onde, por igual, se registra: "Descobriu-se, então, que as palavras, as vogais, os fonemas são maneiras de cantar o mundo e que eles são destinados a representar os objetos não como acreditava a teoria ingênua da onomatopéia, em razão de uma semelhança objetiva, mas porque eles deles extraem e, no sentido próprio da palavra, exprimem a essência emocional" (1945, p. 218). Nem é por outra razão que Merleau-Ponty considera altamente significativa a análise da linguagem literária e, particularmente, da linguagem poética para efeito de um esclarecimento da essência mesma da linguagem e para um aprofundamento na problemática de suas origens, pois "tornar-se um escritor é aprender uma linguagem pessoal, é criar uma língua e um público para si, é, então, recomeçar, em um nível superior, a criação da linguagem" (1964*a*, p. 252).

Considerada neste nível, a questão se revelará apaixonante. Não obstante, não é em torno dela que Merleau-Ponty mais se detém, embora a ela tenha dedicado, dentre outros, dois magníficos trabalhos: Le roman et la métaphysique e A Jean-Paul Sartre. Muito mais se concentrará na análise da aquisição individual, ainda quando não se lhe deva trabalho de pesquisa próprio. Preocupado em interpretar, em encontrar sentido na linguagem, Merleau-Ponty trabalhará sempre sobre documentos, isto é, sempre sobre dados e observações recolhidos por outros pesquisadores. Sua originalidade vai residir no esforço de compreensão que, de resto, é o trabalho a que se propõem, fundamentalmente, os fenomenologistas.

As considerações de Merleau-Ponty em torno do problema da aquisição individual da linguagem encontram-se, basicamente, em dois de seus cursos: em La

conscience et l'acquisition de langage e em Les relations avec autrui chez l'enfant, ambos publicados no *Bulletin de Psychologie*, de 1964. No último dos cursos mencionados o problema aparece focalizado secundariamente. Apesar disso, é principalmente nele que se destaca o sentido existencial do processo de aprendizagem, bem como sua dimensão social. Em La conscience et l'acquisition de langage, a abordagem é mais convencional no sentido da ordem de colocação dos problemas considerados. Aqui se tira mais partido da contribuição que se deve à psicologia experimental e à lingüística, apoiando-se Merleau-Ponty especialmente sobre P. Guillaume e R. Jakobson. Em Les relations avec autrui chez l'enfant as sugestões são tiradas de observações vinculadas à psicologia profunda. As referências são feitas a François Rostand (*Grammaire et affectivité*) e a Dolto-Marette (*Psychanalyse et pédiatrie*). Em ambos se procura destacar a importância das interferências emocionais no desenvolvimento da conduta verbal e de ambos retira Merleau-Ponty as sugestões que lhe permitem situar o problema da assimilação das formas verbais como um problema vinculado ao aprendizado de novas posições e de novos desempenhos funcionais no interior do grupo. A idéia central é a de que o domínio da linguagem segue rigoroso paralelismo com as modificações da constelação familiar, tal como essas modificações são, perceptualmente, assimiladas pelo falante, na época própria em que ele se revela particularmente sensível ao aprendizado da fala. Significativa, sobretudo, será a forma como se irá viver a relação com a figura materna, pois a linguagem do falante, em sua fase inicial se revela essencialmente maternal. "Toda linguagem — escreve Merleau-Ponty — é, de algum modo, materna. Como as relações da criança com sua mãe, a aquisição da linguagem é um fenômeno de identificação. Aprender a falar é aprender a desempenhar um certo número de papéis, adotar condutas das quais fomos, inicialmente, observadores" (1964*c*, p. 297).

Rostand, consoante assinala Merleau-Ponty, toma como ponto de referência um caso de ciúme infantil acompanhado por Dolto-Marette em que, notavelmente, se comprova a tese mencionada acerca do modo como se assimilam as formas verbais. No citado caso, o que se registra é um processo de regressão do comportamento em suas formas globais, inclusive em suas expressões lingüísticas, revelado por uma criança até então caçula, logo após o nascimento de novo irmão. "Numa primeira fase — escreve Merleau-Ponty — observa-se uma regressão da linguagem e do caráter e, numa segunda fase, alguns dias mais tarde, a criança se identifica com o irmão mais velho e supera seu ciúme. Este ciúme pode ser superado graças à presença na família de uma quarta criança que retira ao irmão mais velho sua qualidade de mais velho absoluto. Assiste-se, então, à brusca cura de um gaguejo neurótico e a aquisição, em um mesmo dia, do passado simples, do imperfeito e do futuro simples" (1964*c*, p. 297). Sublinhe-se a parte final da citação, pois nela se contém o que há de mais significativo para efeito de se compreender o processo de desenvolvimento da linguagem. Merleau-Ponty assinala que o que ocorre de essencial é um fenômeno de descentração no sentido em que Piaget utiliza esse conceito, devendo-se, contudo, entender que o fenômeno tem aqui uma dimensão mais existencial do que conceitual. "Trata-se — escreve Merleau-Ponty — de um fenômeno de descentração (Piaget), mas de descentração vivida que se realiza por uma operação vital e não intelectual. A criança aprende a pensar relações recíprocas: ela distingue a noção de papel da de indivíduo, ela aprende a relativizar as ações de caçula e de mais velho" (1964*c*, p. 296).

Duas observações finais devem ser recordadas com o propósito de melhor caracterizar-se o ponto de vista apresentado: a primeira diz respeito à dimensão social mostrada pelo processo do desenvolvimento; a segunda se refere à exclusão da idéia de vínculos causais entre as alterações nos desempenhos ou papéis exercidos pelo falante e as transformações registradas na conduta verbal. Merleau-Ponty prefere falar, no tocante a este último aspecto, em relação dialética que elimina a idéia de um ser passivamente modelado pelo meio e identificado com a condição de objeto. Quanto à dimensão social, a título de conclusão Merleau-Ponty escreve: "Em suma, a elaboração intelectual de nossa experiência do mundo é constantemente conduzida pela elaboração afetiva de nossas relações interpessoais. O uso de certos instrumentos lingüísticos é tomado do campo de forças constituído pelas relações do sujeito com seu ambiente humano" (s.d., p. 14). Esclareça-se, ainda, que o caráter existencial ocorre sempre que se realiza o tipo autêntico de aprendizado da língua, isto é, ocorre sempre que esse aprendizado se registra na faixa em que se é profundamente sensível a ele, vale dizer, nos primeiros anos de vida. Ao lado dessa forma de aquisição, registra-se outra, a se definir como inautêntica. Processa-se na idade adulta e em relação à língua estrangeira. O aprendizado, neste caso, desenvolve-se em termos meramente conceituais, sem maior envolvimento, pois, do falante e com resultados pouco eficazes. Releva, ainda, notar que, ao se assimilar o comportamento verbal do outro, é sobretudo o aspecto gestual que se aproveita e não o aspecto meramente conceitual nele implicado.

Como já se adiantou, o curso La conscience et l'acquisition du langage explora mais a abordagem experimental, sobre considerar, mais detidamente, a contribuição lingüística derivada da escola fonológica de R. Jakobson e Trubetzkoi. No que concerne à psicologia experimental, as considerações desenvolvidas apóiam-se, sobretudo, conforme ficou assinalado, em P. Guillaume, particularmente enfatizando-se seus clássicos estudos sobre a natureza da imitação. Dados gerais sobre pesquisas vinculadas com a aquisição e o desenvolvimento da linguagem são retirados da obra de Gregoire, de quem, inclusive, se assimila a insistência na comunicação afetiva como contexto sobre o qual e posteriormente ao qual se produz a aquisição da linguagem. Releva notar que Merleau-Ponty concede extraordinário destaque à atitude metodológica adotada por Kohler e por Koffka, respectivamente na investigação da conduta inteligente, tal como ela se revela em símios e na análise da própria evolução do comportamento infantil. Tal atitude é a que se terá que propor sempre que se pretenda adotar uma perspectiva fenomenológica e é a que Merleau-Ponty entende que se deva assumir no estudo da aquisição da conduta verbal. Desde logo, pois, se afasta da preocupação quantitativa que tem caracterizado os estudos sobre a emergência da linguagem ao longo dos dois primeiros anos de vida, preocupação que, entre outras, define significativamente a clássica obra de Osgood nessa área.

No que se refere à contribuição de Jakobson, Merleau-Ponty considera-a em extremo fecunda, pelo modo como renova a colocação do problema do aprendizado da linguagem. Em vez de examiná-lo ao nível em que se produz a aquisição de palavras, considera-o em termos de assimilação de fonemas, pois assim elimina-se a interferência derivada da presença de um significado. "Os fonemas — escreve — não se referem a nenhum sentido, eles são elementos da linguagem, em si mesmos desprovidos de sentido, mas que diferenciam as palavras umas das outras" (1964*a*, p. 232). Nesse nível, a originalidade de Jakobson vai consistir em que ele "estabelece — escreve Merleau-Ponty — uma correlação estreita entre a adoção do sistema fonemático em si e sua função de comunicação. Em suma, a es-

trutura deste sistema, tal como ele é empregado, atrai já a significação: à força de ouvir falar, a criança percebe que se trata de signos porque o sistema fonemático desenha a significação como em cruz" (1964*a*, p. 233).

Destaque-se, ainda, na abordagem de Jakobson, a contraprova que ele procura fixar, investigando o processo de dissolução estabelecido pela afasia. Em perspectiva nitidamente jacksoniana, o que se sustenta é que a dissolução afásica promove-se em rigorosa inversão na ordem com que se adquire o sistema fonemático. "Desde que a possessão da linguagem depende da integração dos fonemas — escreve Merleau-Ponty — inversamente a afasia deve resultar de uma destruição do sistema fonemático" (1964*a*, p. 233).

No que concerne à aquisição do sistema, parte Jakobson da verificação de que, logo após a fase do balbucio durante a qual se emitem todos os sons necessários à aquisição de uma língua, produz-se um fenômeno deflacionário no sentido de que se reduzem as possibilidades emissoras do falante. O que particularmente se registra nessa deflação é que ela não atinge apenas os sons que não participam da língua falada pela comunidade na qual a criança se irá inserir; também alguns sons utilizados desaparecem para reaparecerem mais tarde em função de uma ordem rigorosa de aquisição. Na realidade ao reaparecerem já não se revelam como puras realidades sonoras, mas como fonemas, isto é, como componentes de um sistema lingüístico. Assumem, então, outra identidade e exibem características inteiramente novas. Uma delas é a de se conservarem funcionalmente idênticos e a de, conseqüentemente, serem reconhecidos mesmo à vista do fato de que os sons que os integram sofram flutuações no que concerne à sua realidade física.

Também é significativo o fato de que respondem pelas diferenciações de sentido observadas nas palavras, caracterizando-se, então, como diacríticos.

Não obstante a enorme importância da contribuição de Jakobson e de toda a escola fonológica, Merleau-Ponty considera que ela não é inteiramente aceitável no que diz respeito à forma de aquisição revelada pela criança. Seriam válidas as suas interpretações se limitadas apenas à função representativa da linguagem. Revelam-se inadequadas relativamente às funções de expressão e de apelo. "A interpretação de Jakobson — escreve — seria aceitável se a língua não dispusesse senão de uma função representativa. Mas nós afirmamos, com K. Buhler, que a língua é indissoluvelmente: 1) representativa; 2) expressiva; 3) e dotada da função de apelo" (1964*a*, p. 235).

Adquirido o sistema fonemático e incorporadas as primeiras palavras, a criança irá desenvolver a sua conduta verbal através do processo da imitação. Quer o sistema fonemático, quer todo o repertório verbal incorporado pela técnica imitativa irão supor uma atuante participação do falante, no sentido de que nele a linguagem não se revela, simplesmente, como uma imposição do meio, mas como explicitação de uma intenção significativa. A relação, convém que se insista, será de tipo dialético e não meramente causual.

No que se refere à imitação, a idéia é a de que vale, em relação à linguagem, o que se sabe em relação à conduta motora. Beneficia-se, no entanto, da possibilidade de um controle representado pelo sistema da audição. "A imitação vocal — escreve — é um caso particular da imitação em geral. Mas ela tem a vantagem de poder ser exatamente controlada pelo ouvido: nós somos sempre testemunhas de nossas próprias palavras" (1964*a*, p. 237). Em torno desse problema é que a contribuição de Guillaume, inspirada obviamente na perspectiva gestaltista, se vai revelar como original e se incorporará à posição de Merleau-Ponty.

Abstract

Explains briefly the phenomenological position of Merleau-Ponty in the field of language. His thesis is that in this field more than in any other, Husserl's ideas can be developed beyond the point he established. Moreover, he proposed the convergence of the acquisitions allowed by phenomenology and those obtained in the field of linguistics.

Referências bibliográficas

Bellaval, Yvon. *Les philosophes et leur langage*. Paris, Gallimard, 1952.
Berlo, D. *O processo da comunicação*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1960.
Guillaume, P. *Psychologie de la forme*. Paris, Flammarion, 1937.
Jeanson, F. *La phénoménologie*. Paris, 1951.
Merleau-Ponty, M. *Phénoménologie de la perception*. Paris, Gallimard, 1945.
———. A Jean-Paul Sartre (a linguagem indireta e as vozes do silêncio). In: *Sinais*. Lisboa, Minotauro, 1962*a*.
———. Sobre a fenomenologia da linguagem. In: *Sinais*. Lisboa, Minotauro, 1962*b*.
———. La conscience et l'acquisition du langage. *Bulletin de Psychologie*, 1964*a*.
———. La fenomenología y las ciencias del hombre. Buenos Aires, Editorial Nova, 1964*b*.
———. Les relations avec autrui chez l'enfant. *Bulletin de Psychologie*, 1964*c*.
———. Le cinéma et la nouvelle psychologie. In: *Sens et non-sens*. Paris, Nagel, 1966.
———. *Les relations avec autrui chez l'enfant*. Centre de Documentation Universitaire, s.d.
Ricoeur, P. *De l'interprétation;* essai sur Freud. Paris, Seuil, 1965.
Vergote, A. Phénoménologie et psychanalyse — problèmes de psychanalyse. *Recherches et Débats*, Paris, *21*, 1957.
Wolf, W. *The expression of personality*. New York, Harper, 1943.

